

## A submissão do indivíduo ao projeto nacional israelense nos contos de Izhar Smilansky

El sometimiento del individuo al proyecto nacional israelí en los cuentos de Izhar Smilansky

Gabriel Steinberg\*

**Resumo:** Izhar Smilansky, nascido à época do início da colonização judaica na Terra de Israel, é um dos mais destacados escritores da chamada “Geração da Guerra da Independência”, educados e moldados numa cultura hebraica que valorizava o trabalho agrícola, a justiça social e a ética. Izhar Smilansky, ou mais conhecido como S. Izhar, inaugura as obras literárias dessa geração de escritores ao publicar em 1938 o conto *Efraim volta para a Alfafa*, um exemplo de abnegação e renúncia, no qual Efraim mesmo querendo ter uma trajetória própria se dobra diante da ideologia da época. Izhar prossegue nessa trajetória com a publicação em maio de 1949 do conto “Caravana da meia-noite”, em que em plena Guerra da Independência e com as incertezas em relação ao futuro, ele faz uma exaltação fervorosa dos jovens que estavam dispostos a dar a própria vida pela redenção territorial de um povo.

**Palavras-chave:** Sionismo. Israel. Izhar Smilansky.

**Resumen:** Izhar Smilansky nacido en la época del inicio de la colonización judía de la Tierra de Israel, es uno de los más destacados escritores de la llamada “Generación de la Guerra de la Independencia”, educados y moldados en una cultura hebrea que valorizaba el trabajo agrícola, la justicia social y la ética. Izhar Smilansky o más conocido como S. Izhar, inaugura las obras literarias de esta generación de escritores al publicar en 1938 el cuento *Efraim vuelve al heno*, un ejemplo de abnegación y renuncia, en el cual Efraim mismo queriendo seguir una trayectoria propia, se dobla delante de la ideología de esa época. Izhar sigue en este camino con la publicación en mayo de 1949 del cuento *Caravana de la media noche*, donde en plena Guerra de la Independencia y con las incertezas en relación al futuro, hace una exaltación fervorosa de los jóvenes que estaban dispuestos a entregar la propia vida por la redención territorial de un pueblo.

**Palabras clave:** Sionismo. Israel. Izhar Smilansky.

Um dos maiores representantes da geração de escritores da chamada Geração da Guerra da Independência ou a Geração da Terra foi Izhar Smilansky, mais conhecido como S. Izhar (1916 – 2006). Ele e os outros integrantes dessa geração acreditavam nos valores coletivos do movimento sionista trabalhista que pregava a luta em defesa do país, o trabalho incansável e em qualquer função, principalmente na agricultura e outros trabalhos mais difíceis, e acreditava que seu destino estava ligado ao de seus companheiros, vistos como a geração da redenção do povo judeu. As obras dos escritores dessa geração têm como papel central a figura do herói que tudo sacrifica em prol de seu povo e seu destino está intimamente ligado ao destino de toda a nação que espera dele lealdade, abnegação e sacrifício.

O primeiro conto considerado um marco do início da literatura *sabra* foi publicado em 1938 e se chama “Efraim Chozer laaspesset”, Efraim volta para a Alfafa, escrito por Izhar com apenas 23 anos. Semelhante a outros escritores de sua geração, Izhar também adotou os valores do movimento trabalhista e a valorização do judeu que abandona os vícios do mundo moderno e capitalista e se dedica ao trabalho da terra. O herói da trama é Efraim que se mostra vacilante na aceitação das obrigações que a nova sociedade sionista lhe impõe. Mesmo angustiado com o tamanho da responsabilidade e tentando abandonar o mundo da alfafa, uma verdadeira guerra ideológica se trava no seu interior. No final da trama, Efraim coloca o dever em relação à coletividade acima dos interesses pessoais tal qual se esperava de todos os membros de seu grupo.

Como os escritores de sua geração, Izhar sente um fascínio especial pela natureza e pelas paisagens da Terra de Israel assim como uma admiração infinita pela coragem dos *sabras*, transformados no imaginário coletivo em verdadeiras figuras míticas. Izhar pertence à segunda geração de uma família de escritores e agricultores, ele lutou na Guerra da Independência. Sua obra abrange contos e romances, relatos infantis e crítica política.

### 1 “Efraim volta para a alfafa”

No refeitório do *kibutz* ouvia-se a “melodia *hassídica* que exalava o cheiro da casa paterna e o hálito de velhos sonhos”. (SMILANSKY, 1983, p. 198-199) Durante três anos, Efraim trabalhou na alfafa. Quando chegou a hora da assembleia anual do *kibutz*, ele anunciaria que ansiava por outra ocupação após tanto tempo metido no feno. Aparentemente, ele queria mais comodidade e mais facilidade no trabalho, é assim que seu pedido foi interpretado. Mas ele planejava pedir transferência para o setor das plantações, para o laranjal, ali pelo menos havia sombra. Antes de comparecer à assembleia, Efraim diz a sua companheira Nehama:

Quero aquilo que me cabe, sendo Efraim, e não aquilo que me é presenteado pelo acaso e que me é presenteado pela oportunidade... Porque deveríamos ter a capacidade de escolher por nós mesmos aquilo de que gostamos, aquilo que nos faz falta dentre as coisas que se nos apresentam, repelindo com a força de nossa vontade sem aceitação, sem recuo, sem concessões ou rendição, aquilo que não nos agrada. (SMILANSKY, 1983, p. 213.)

Ele expressa seu desgosto pela imposição da vontade da coletividade e da anulação do indivíduo diante dessa imposição: “Não deveríamos cantar louvores à impotência, chamando-a de humildade, modéstia ou comportamento exemplar” (SMILANSKY, 1983, p. 213). Com essas palavras, Efraim se volta contra a falta de opção e contra a passividade, contra a aceitação do destino imposto como se fosse algo natural. “Continuar silenciado? Não. Desta vez falarei, falarei francamente sobre estas vozes que se revoltam no meu íntimo porque são rejeitadas” (SMILANSKY, 1983, p. 214). No texto de Izhar, Efraim tal qual os de sua geração, valoriza o trabalho físico, porém ele quer uma mudança, mudança esta que denote sua capacidade de ter opinião própria; trabalhar no pomar será para ele um indício da mudança ocorrida, a tomada de uma decisão pessoal sobre a imposição do coletivo.

Quando se inicia o debate no refeitório comunitário do *kibutz*, Efraim não tem coragem de colocar sua questão. Ele começa a perceber que renovação e readaptação não faziam parte da agenda da comunidade e que qualquer sentimento de revolta ou amargura eram inúteis. “Seria preciso ser assim calado, modesto, humilde, aceitando com um amém silencioso o que existia e o que viria a existir”. (SMILANSKY, 1983, p. 217). Efraim se submete à ideologia sionista trabalhista e silencia, não tem coragem de se colocar e aceita cabisbaixo, seu destino determinado pela situação e pelos membros de sua comunidade. Fosse como fosse, era preciso calar-se diz Efraim, era proibido amargurar-se e revoltar-se. Porém em seu íntimo, Efraim travava uma verdadeira batalha: “Não, não e não! Não era possível calar-se e ficar num canto, seria um vexame. O que ele, Efraim, merecia, devia e precisava ser cobrado. Haveria uma mudança, houvesse o que houvesse” (SMILANSKY, 1983, p. 217).

Efraim transita entre o conformismo e a revolta. Contrariando a ideologia sionista, ele quer a liberdade, noites frescas e um novo trabalho com as possibilidades que isso implicaria. Poderia parecer uma pretensão infantil, mas ele, Efraim, queria levantar a cabeça. Quando após muito tempo de discussão ele coloca em debate seu “assunto”, o refeitório inteiro acorda. Aquela proposta cheirava a revolta e chamava ao combate.

Os membros do *kibutz* reagem, e o primeiro é Avramke que tenta convencer Efraim e todos os presentes, de que para trabalhar no pomar não era necessária nenhuma especialização, mas já na forragem, eram necessárias capacidade e experiência e não era qualquer um que podia trabalhar numa “função tão importante”. Peretz, outro companheiro, foi da opinião de que o lugar de Efraim era mesmo na alfafa e somente lá. Todos repentinamente tornaram-se juízes naquele refeitório, todos dispostos a julgar e a dar sua sentença a respeito da ousadia tomada por Efraim. Como era possível um membro daquela comunidade revoltar-se contra o julgo do coletivismo? Quando o julgamento acabasse, este rebelde sem causa voltaria a ver a luz e a ter discernimento. Ouviam-se gritos acalorados no refeitório; Efraim, segundo esses gritos, era simplesmente digno de ser invejado por trabalhar com a forragem.

No seu interior, Efraim tem saudades do passado, dos dias da enxada e dos arados, do tempo da amplidão dos campos. Mas ele silencia, terá que voltar para o duro e cansativo trabalho. Sendo visto como um mal precedente, um dos membros da comunidade chamado Schmucl diz:

Fica evidente para mim que, se na divisão de trabalhos se entrecrocaram a inclinação particular de alguém e o dever primordial para com o kibutz, o kibutz tem precedência. Tem precedência em tudo. E é preciso carregar o julgo. O kibutz exige e nós cedemos, de bom grado ou não (SMILANSKY, 1983, p. 226).

Quando uma mulher toma aparentemente a defesa de Efraim e grita do fundo do refeitório: “Efraim quer descansar, simplesmente; ele não tem forças, o coitado. Dêem-lhe um trabalho fácil”. (SMILANSKY, 1983, p. 227). Então o assunto muda de dimensão. A indignação toma conta de todos os presentes, onde já se viu? Facilidade quando se está erguendo uma nova sociedade? A discussão muda de rumo quando um membro da comunidade se coloca na direção de Efraim e anuncia:

Isso nem sequer nos passou pela mente. Oh, agora tudo está claro. E tudo o que foi dito até agora tem sentido. Ele quer facilidade! Às nossas custas? Ele sim; nós não! Não; irmão, você ficará conosco, e, como nós, você carregará o fardo e seu dorso dobrará (SMILANSKY, 1983, p. 227).

O trabalho, portanto, duplicará, parece então que Efraim será punido por ter ousado colocar-se diante da assembleia com um pedido tão fora de contexto.

Na comunidade que estava sendo erguida, não havia lugar para divergências nem para dissidentes, nem diversidade e muito menos lugar para um caminho individual. Como era impossível fazer uma mudança de função para todos, Efraim devia silenciar e permanecer na sua ocupação. Nas palavras de Guedália, um dos membros da comunidade, Efraim devia enxergar a situação tal como ela era e não exigir aquilo que era impossível.

Quando finalmente se sugeriu que se colocasse em votação a questão de Efraim, verificando se seu pedido “estranho” e absolutamente fora de lugar seria aceito ou não, Schmucl atacou novamente dizendo: “Acaso a maioria não tem o poder de decidir e impor? O indivíduo deve submeter-se à opinião geral, por bem ou por mal. A consciência geral dita os atos de cada indivíduo e ele deverá realizá-los. Está claro. Não há dois caminhos” (SMILANSKY, 1983, p. 236).

Então se dá a palavra a Efraim que até então tinha ficado em silêncio enquanto que todos os membros levantavam a voz numa forte e acalorada retórica. Ele é confrontado diante de dois caminhos, duas alternativas

Sim ou não? O sim significava mudança e possibilidade de mais lucidez. O não significava continuar com tudo; ostentando o emblema: ‘aqui trabalha um santo, orgulhoso e heróico! Saibam todos que ele começou e acabou, disse e fez, e que, apesar de todos os obstáculos do caminho, não o abandonou (SMILANSKY, 1983, p. 243).

No final, a única frase que Efraim consegue emitir é: “Volto para a alfafa”. Toda a crise se solucionou quando as quatro palavras foram pronunciadas, a tentativa de insubordinação tinha se dissipado, a vontade da coletividade mais uma vez tinha vencido.

Mesmo tendo conseguido criar uma relação especial com a terra e com o período histórico pelo qual atravessava o sionismo, Efraim vive na trama num mundo de saudosismo, e, ao contrário do que se poderia imaginar, ele, Efraim, não é um jovem. Izhar contraria o estereótipo do *sabra*, sempre apresentado como sendo jovem e forte. Efraim, o herói de Izhar, pede para ser transferido da alfafa para o pomar, do lugar onde a coletividade determinou que ali ele deveria ficar para o lugar onde seu coração almejava estar. Seu pedido parece banal, porém para Efraim, o pedido de transferência simbolizava o sinal da libertação, a concretização de sua vontade de livre escolha. Izhar quebra os marcos ideológicos de sua época, mostra um embate entre a vontade do indivíduo e a vontade da coletividade.

Dan Miron afirma que essa obra de Izhar não poderia ter sido criada fora dos limites espirituais e físicos de uma realidade que elevou o conceito do jovem a um ideal mitológico. O mundo de Efraim está ligado intimamente com esse ideal da vitalidade dos jovens de sua época, mas Efraim é um personagem em processo de envelhecimento. Para Miron, o momento patético e trágico de Efraim está relacionado ao fato da tomada repentina de consciência da passagem do tempo e do vazio encontrado nesses anos que se foram, sem que Efraim tivesse conseguido pagar uma dívida que teria consigo mesmo e que seria seguir seu próprio desejo. Efraim sente nostalgia dos dias agitados das *alilot*, as ondas imigratórias, da época em que jovens abriam estradas, dos cantos de emoção e renovação. Ele sente saudades do mundo da vitalidade, da alegria. Ele envelheceu e ainda se encontra na alfafa, sente por tanto saudades da vida em grupo, da *kvutzá*. Ele sente que a vida se esvaziou e por isso sua reivindicação apresenta sua tentativa de rebelar-se contra esse processo de desintegração em que se encontra.<sup>1</sup>

Uma vez Efraim fez parte do grupo, agora ele se sente um estranho. Na mudança ele encontra a porta para a redenção, a capacidade de mudar sua rotina de trabalho na alfafa pelo laranjal irá expressar a retomada do controle sobre sua existência, relegar a rotina mecanizada na alfafa e assumir a vitalidade da vida que tanto deseja. Ele sente a perda de valores do grupo e da sociedade, tanto faz para o grupo quem fará o trabalho na alfafa, alguém o terá que fazer e por que não Efraim que trabalhou anos sem reclamar? Ninguém em seu grupo se dispõe a entender que Efraim vive uma realidade e uma rotina que o oprime, o aprisiona e o angustia.<sup>2</sup>

## 2 “Shayará shel hatzot”, Caravana da meia-noite

“Caravana da meia-noite”, o segundo conto aqui analisado, faz parte do corpo de contos de guerra escritos por Izhar durante e após a Guerra da Independência de Israel entre 1948 e 1949. Esse conto foi escrito no final da guerra, em maio de 1949, quando ficou clara a superioridade dos combatentes judeus em sua luta pela independência do país. Izhar faz nesse conto uma exaltação à bravura, ao desprendimento dos jovens dispostos a morrer para que o Estado judaico se tornasse uma realidade. A missão que foi assumida por cinco jovens era o de abrir caminho e sinalizar a rota que posteriormente seria percorrida por uma grande caravana formada por caminhões, que durante a

noite tentaria quebrar o bloqueio imposto pelo inimigo e chegar a seu objetivo final conseguindo dessa forma transportar armas e provisões para uma cidade sitiada.

Os cinco integrantes da missão chegaram a um lugar deserto e abandonado durante a noite. Essa missão era secreta, aldeias próximas não podiam ser vistas a não ser duas ao longe. O líder do grupo chamado ironicamente de *gutz* (o nanico) que além da estatura aparentemente diminuta usava um uniforme muito maior que o necessário, desenrola um mapa para mostrar aos comandados a localização do lugar no qual eles se encontravam, a três quilômetros da aldeia árabe de Hirbet Um Rish. Por ali devia ser preparada a rota pela qual iria passar a caravana sem ser descoberta pelo inimigo. O grupo era responsável pelos dois primeiros km da rota. Quando um dos jovens pergunta por que não utilizar a estrada, o nanico lhe respondeu:

A estrada é toda ela deles. Durante o dia o movimento na mesma é intenso, a noite, como sempre o movimento tende a zero. Não se pode fazer nada que desperte neles suspeita. É proibido também trombar com transeuntes. Um simples pastor de merda pode destruir a nossa missão. Na passagem que contorna a estrada ou em algum lugar das redondezas foram colocadas minas, mas isto ainda não está claro (SMILANSKY, 2006, p. 101).

O personagem principal do conto é Tzviele, um dos integrantes da missão. Ao participar de uma vistoria mais afinada do local, colina após colina, afirma que se sentia a estranha sensação de estar numa terra que fora abandonada ou esvaziada por outro povo, uma terra que aparentemente não lhe pertencia. Esse tema já fora abordada por Izhar um ano e meio antes, na história de Hirbet Hizha, no qual ele narra a expulsão dos moradores árabes daquela localidade. No entanto, se naquele conto os judeus eram o lado forte e os aldeões árabes são apresentados como coitados e indefesos, nesse outro conto, os árabes são apresentados como inimigos, a guerra é mostrada de forma real e crua, esta é uma luta pela sobrevivência. Acometidos pelo medo permanente, Tzviele, personagem principal diz que eles estavam o tempo inteiro passíveis de serem descobertos na linha do *front*. Na verdade, Tzviele diz que se pudesse, não estaria naquele lugar, se pudesse trocaria de lugar e situação. Assim ele afirma:

Vamos fugir daqui imediatamente e voltar para nossa casa. É uma sensação na qual você não tem onde se cobrir e se encontra exposto por completo. Não se sabe de onde virá o mal mas ele virá. Que poder tem três rifles e duas pistolas se ali perto se encontra o inimigo (SMILANSKY, 2006, p. 108).

Os integrantes da missão tinham que marcar a rota de passagem da caravana com rolos de papel cobertos por pedras para o papel não voar. O narrador ressalta novamente que essa não era uma guerra de conquista, era uma batalha pela sobrevivência de pessoas sitiadas pelo inimigo e como tal, ela é mostrada como legítima. O narrador assim a descreve: “Novamente o coitado do David frente ao poderoso Golias. Daqui a pouco não restará nada do David. Sim, é preciso chegar ainda nesta noite” (SMILANSKY, 2006, p. 122).

Após marcarem o caminho a ser seguido pela caravana e a espera pela sua passagem se alongar, o narrador faz então uma exaltação da lealdade entre os soldados, marca que se tornou forte e própria a todos os combatentes do *Tzahal*, o exército recém criado, deixando claro que no campo de batalha, um soldado israelense não deixa para trás um companheiro mesmo se ele estiver morto, para este não ser capturado pelo inimigo. Tzviele diz:

Este Rubinstein (referindo-se ao comandante nanico que usava um uniforme enorme) é engraçado. Daqui a uma ou duas horas nós dois subiremos sobre uma mina por causa desta caravana ou ainda, seremos capturados por uma

patrulha egípcia. Mas ele, se eu for ferido, não me abandonará, este Rubinstein. Não porque eu seja eu, senão porque não se abandona um amigo no campo de batalha, em especial um com o qual serviu-se por um longo período. Ele pulará e me resgatará do meio do fogo e eu também, certamente a ele, o carregarei daqui como se ele fosse tudo para mim. (SMILANSKY, 2006, p. 123-124)

Após uma longa espera a caravana se aproxima conduzida por um tal de Avraham, pelo visto alguém muito importante e quando o primeiro caminhão aparece, Tzviele que há pouco queria fugir para outro lugar, percebe o quanto esse momento é solene e demonstrando orgulho de fazer parte do que está acontecendo, um momento de total sacrifício e entrega sem questionamentos. Ele diz:

Se esse fulano de tal chamado Avraham estava ali, era sinal que esta caravana era mais importante do que você poderia imaginar e segundo, este era um sinal certo de que ela chegaria em paz ao destino. Imediatamente você se enche de orgulho do tal Avraham e de você mesmo fazer parte desta grande empreitada. Um vento de entrega, de desprendimento sopra em você e você deseja pedir permissão e subir e se juntar a ele no percurso, e estar no centro das coisas e no coração do perigo (SMILANSKY, 2006, p. 161-162).

O caminhão número sete da caravana subiu sobre uma mina e explodiu, há mortos e feridos, mas a caravana deve prosseguir até a cidade sitiada mesmo com o temor do inimigo atacar e destruir todo o comboio, esta deve prosseguir, é a ordem dada pelos superiores. Izhar valoriza no conto alguns valores fundamentais a seus olhos que são: a dor da guerra e a incerteza no futuro mas por outro lado, a exaltação dessa geração pelo total desprendimento até mesmo da vida em prol do objetivo de dar existência ao estado nacional. Ao contrário do conto sobre Hirbet Hizha, dessa vez a guerra é algo imposto, os judeus devem lutar pela sobrevivência.

Izhar exalta a bravura dos jovens, mas lamenta o preço da guerra, como ela é dura e corrói mas ao mesmo tempo, ela mostra-se inevitável e com esta descrição ele termina o conto:

Caravana da Meia Noite, um assunto marginal, secundário. Será necessário começar uma guerra. Não há escapatória. Deus, não há a menor vontade de uma guerra. Já não é suficiente com tudo o que aconteceu? E por outro lado, que ela aconteça já e que acabe logo. Que já acabe de uma vez para que saibamos quem ficou com vida, ninguém mais está com ela garantida. E talvez de verdade, você esteja desta vez na fila, a morte talvez esteja aguardando por você. Oh, que não haja mais guerra! Mas é preciso fazê-la, não há escapatória. Jogá-los de cima de nós, jogá-los daqui. Por que ninguém nos ajuda? Que mundo indiferente, constrangedor. Será preciso lutar, está claro. Eu não quero matar, não quero que os outros sejam mortos. Mas nada mais adiantará, já é tarde demais (SMILANSKY, 2006, p. 178).

Para Yossef Even, o ponto central do conto não é tratar do inimigo, mas do retrato dos dilemas e questionamentos pelos quais passa Tzviele que, se num momento quis fugir daquela cena de perigo e sentiu medo como todo ser humano é passível de sentir, o dever o chama e como tal e sendo ele membro daquela geração a qual coube dar aos judeus uma pátria, ele fica para cumprir a missão que a nação naquele momento lhe outorgou.<sup>3</sup>

Dan Miron afirma que os personagens de Izhar são confrontados a fortes dilemas existenciais e morais, o mundo dos contos de Izhar é um mundo físico cruel onde os personagens são colocados diante de provas do físico e da alma, é o ser humano que se vê diante de uma paisagem selvagem e repleta de perigos. Para Miron, a obra de Izhar do ponto de vista histórico parou no tempo, ele não percebeu o dinamismo que a guerra traz em si. A passagem dos anos da luta anterior e posterior à criação do Estado representou uma crise em sua obra, a guerra é para Izhar o momento da grande ruptura.<sup>4</sup> Izhar se deteve à época do *Ishuv* e na luta pela independência, a nova realidade que trouxe mudanças profundas não foi assimilada por ele. A guerra em sua essência é uma experiência de solidão histórica, geográfica e espiritual. Bom era antes da guerra quando tudo era compartilhado pelos jovens idealistas dos quais o próprio autor fazia parte, quando sua existência era apenas virtude.

O mundo de Izhar é, nas palavras de Miron, estático e incapaz de mudanças drásticas. Izhar se destacou na utilização do monólogo, ora verbalizado, ora interno, usado como ferramenta nos dois contos aqui analisados e por meio do monólogo ele encontra a forma mais pura de demonstrar a disposição do narrador ou do personagem principal de aceitar todos os sacrifícios e limitações da situação espiritual e histórica que coube a sua geração vivenciar. Diante de uma realidade tão complexa, os personagens de Izhar demonstram uma integridade, uma força interior notável e um conformismo diante da necessidade de cumprimento do dever com a nova pátria e a nova realidade.<sup>5</sup>

Os contos de Izhar se destacam por descrever o mundo do indivíduo que coloca na balança o significado de sua vida e o valor do mundo, de seus pensamentos e aspirações diante da imagem e as realizações do grupo que se mostra sempre unido e coeso, o coletivo. Izhar se detém no mundo do indivíduo e por isso se diferencia da literatura que predominava naquela época, período no qual o coletivo tinha voz e o indivíduo devia se submeter a essa experiência e passar a fazer parte da mesma. Esse era um imperativo ideológico do sionismo da época. Para Nili Essing, os personagens de Izhar se confrontam a dilemas e questionamentos morais, porém eles acabam se submetendo ao que deve ser feito.<sup>6</sup> É essa a trajetória percorrida por Tzviele em “Caravana da meia-noite” e com Efraim que volta para a alfafa, o lugar onde a coletividade determinou que era o seu.

-----

\* **Gabriel Steinberg** é Professor Doutor de Língua Hebraica do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/ Universidade de São Paulo.

---

## Notas

<sup>1</sup> MIRON, 1975, p. 279-281.

<sup>2</sup> MIRON, 1975, p. 294.

<sup>3</sup> EVEN, 1978, p. 376.

<sup>4</sup> MIRON, 1975, p. 268-269

<sup>5</sup> MIRON, 1975, p. 274.

<sup>6</sup> ESSING, 2005, p. 48.

## Referências

BARZEL, Hillel (Org.). *Chatanei pras Israel, mi'vchar sipurim*. Tel Aviv: Yachdav, 1973.

BARZEL, Hillel (Org.). *Shivá messaprim*. Tel Aviv: Yachdav, 1973.

ESSING, Nili. *Lashon figurativit be Shayará shel hatzot lesamech Izhar* In: LIVNAT & WOLF MONZON (Org.). *Bikoret uparshanut: ktav et bein tchumi lecheker sifrut vetarbut*. Ramat Gan: Editora da Universidade Bar Ilan, 2005.

EVEN, Yossef. *Mabat leachor al Shayará shel hatzot, Moznaim*, v. 46, n.1-6, 1978.

*Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 6, n. 10, mar. 2012. ISSN: 1982-3053.

- 
- HARDAN, David (Org.). *El Conflicto árabe-israeli en la literatura hebrea*. Jerusalém: Departamento de educación y cultura de la Organización Sionista Mundial, 1977.
- MIRON, Dan. *Arba panim bassifrut haivrit bat yameinu*. Tel Aviv: Schocken, 1975.
- NAGUID, Chayim (Org.). *S. Izhar, mi'vchar maamarim al yetsirató*. Tel Aviv: Am Oved, 1975.
- NAVOT, Amnon. Shayará shel hatzot, *Moznaim*, v. 61, n. 10-11, 1988.
- SMILANSKY, Izhar. *Sipur Hirbat Hizha veod shloshá sipurei milchamá*. Or Yehuda: Zmora Bitan, 2006.
- SMILANSKY, Izhar. Efraim volta para a alfafa. In: BEREZIN, Rifka (Org.). *A Geração da Terra*. São Paulo: Summus, 1983.